

OLIVEIRA, Frederico Ramos. Etnocenologia do Terror. Araxá, 2013, pesquisador, ator.

A exploração do medo é tema nas falas 'Murar o Medo', 'Há quem tenha medo que o medo acabe' (Mia Couto) e 'O Poder dos Pesadelos' (BBC). Elas tratam de narrativas do terror e sua manipulação no imaginário. Algumas noções moles da Etnocenologia podem revelar aspectos teatrais e espetaculares nas micro e macro políticas de terror. Podemos descrever etnocenologicamente as execuções públicas, os atentados terroristas e as reações estratégicas diante deles. A ação performática "A visita do Quadrúpede" surge como objeto substantivo ao investigar as relações entre cena e medo. Em três das sete apresentações, o acionador causou susto (Catete), correria e gritos apavorados (Parque do Cristo) e reação violenta (Barra da Tijuca).

Terror, objetos etnocenológicos, política do medo

The exploitation of fear is the theme of the speeches 'Murar o Medo', 'Há quem tenha medo que o medo acabe' (Mia Couto) and 'The Power of Nightmares' (BBC). They deal with narratives of terror and its handling in the imagination. Some notions of Ethnoscenology can reveal aspects of theatrical and spectacular in micro and macro political terror. We can describe etnocenologically the public executions, terrorist attacks and the strategic reactions before them. The performatic action "The visit of Quadruped" emerges as 'objeto substantivo' when investigate the relationships between scene and fear. In three of the seven presentations, the trigger caused fright (Catete), run and terrified screams (Parque do Cristo) and violent reaction (Barra da Tijuca).

Terror, objects etnocenológicos, politics of fear

"cada hora, de cada dia, a gente aprende uma qualidade nova de medo" Riobaldo
Grande Sertão: Veredas (1956)

"O medo e o entusiasmo são contagiosos." Marquês de Maricá

A exploração do medo

Há quem aposte no 11 de setembro como evento que marcou o final de uma era, talvez tanto quanto a queda de Constantinopla ou da Bastilha. Após o evento, os EUA

investiram bilhões de dólares na Guerra contra o Terror¹ e relativizaram parte dos direitos civis. Se de um lado, a escolha do horário, do tipo de avião e de alvo aparecem como uma enorme intervenção cênica no espaço urbano, por outro, seria um simples esquete se considerarmos os argumentos de que tal atentado foi permitido/facilitado ou até mesmo provocado pelo serviço secreto americano, de modo a manipular o imaginário da população. Em todo caso, tratar-se-ia de uma construção planejada de ações cujos elementos e (e)feitos cênicos tem papel primordial na potência do evento². O medo e a violência sempre estiveram na composição das políticas ao longo da história, mas hoje haveria mais um componente em destaque: "a linguagem da política é cada vez mais mediada pelo espetáculo do terrorismo" (GIROUX). A teatralidade nas ações terroristas encontra-se na preparação dos eventos e na sua execução, de modo que os impactos psicológicos constituem presenças simbólicas repetidas e repercutido na mídia tradicional e na nova. O manual KUBARK da CIA³ sugere a troca a tortura física pela psicológica, não por ser 'mais humana', mas por ser mais eficiente.

Em 'Murar o Medo', 'Há quem tenha medo que o medo acabe' (Mia Couto) e 'O Poder dos Pesadelos' (BBC) discute-se os modos e as potências de explorar o medo alheio, de modo que Estados e indivíduos tenham acesso à vantagens colocando populações e pessoas discretamente como reféns. A elaboração de dramaturgias e

1Para poder declarar que os mortos descansarão em paz o poder agredido não tem outra saída que não seja construir o espetáculo da vingança; Eugênio Bucci em 'O Estado de S.Paulo A complexa engenharia simbólica para tapar o vazio deixado pelos mortos e pelos escombros depende desses golpes espetaculares', Disponível em 08/09/11 em <http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,uma-lapide-para-os-terroristas,769822,0.htm>

2 distingue o terrorismo de todos os outros tipos de violência. Trata-se de uma violência espetacular (...) A forma espetacular tem tanta importância quanto as motivações políticas do terrorismo (...) A novidade do terrorismo é elevar a violência política à categoria de espetáculo através do apoio involuntário dos meios de comunicação (...) O caráter espetacular do terrorismo fica evidente quando se observa que não é suficiente saber da execução de um atentado; é necessário ver as imagens do ato (...) ' A violência torna-se espetáculo porque há espaço e demanda no mercado por esse tipo de sensacionalismo.'(SCHITTINO)

3'violência física é inútil, a psicologia é tudo (...) para induzir um detento à informação voluntária.' 'Iraq Tactics Have Long History With U.S. Interrogators' disponível em 02/11/13 em: <http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/articles/A37340-2004Jun12.html>

ARTE DA CENA:
A PESQUISA EM
DIÁLOGO COM
O M U N D O

VII Reunião Científica
da ABRACE

27 a 29.outubro.2013
UFMG - Belo Horizonte



composição simbólica das ações, assim como o jogo entre fisicalidade e significação revelam-se como fundamentais para o sucesso dessa estratégia. Essas falas tratam de narrativas do terror e de sua manipulação no imaginário.

Na figura abaixo, Stan Smith (American Dad!) é o agente da cia e pai de família que ajusta o alerta preso na geladeira.



Stan Smith (American Dad!)

A origem do terrorismo institucional pode ser reconhecida desde as primeiras aglomerações humanas e até mesmo em nossos primos mais próximos, os chimpanzés, que ferem membros de bandos rivais, deixando-os vivos e machucados nos limites de seus territórios. Não é tão simples reconhecer a origem de aspectos cênicos e teatrais nesses comportamentos. Dificilmente poderemos caracterizar alguma teatralidade no chimpanzé que corre, salta, grita, ameaça e assusta uma plateia para marcar seu território. Ainda assim, é possível perceber uma origem animal da ação de reconhecer-se como presença manipulável para o outro: "Tanto a simpatia como a crueldade dependem da capacidade de imaginar como nosso comportamento afeta os outros" (WAAL).

É possível entender 'performance' destacando o sentido de 'desempenho' e 'eficiência' do termo. A caracterização do ato terrorista como performance⁴ artística não é necessário para tratá-la como teatral. O terror institucional (estados e organizações) e o freelancer (homens-bomba independentes, franco atiradores) evidentemente não são obras de arte.

Um humano que deita-se na via pública e outro que protesta auto-imolando-se tem graus diferentes de aplicação do terror nas cenas que criam. Além desse efeito espetacular, uma caracterização de elementos teatrais deve atentar para o cuidado, a voluntariedade, o tratamento e a composição cênica dos comportamentos terroristas. A organização estética da corporeidade (no figurino, no desenho das ações, etc) é

⁴a performance seria colocada no mesmo nível que o ato terrorista. (...) a diferença permanece decisiva: a primeira não se desenrola como meio para uma finalidade (política) outra; nesse sentido, ela é "aformativa" como performance, isso quer dizer que ela não constitui um ato simplesmente performativo. Em 'A dimensão política do teatro pós-dramático. Hans-Thies Lehmann (tradução livre por Nina Caetano)

fundamental na performance terrorista.

Noções moles para uma Etnocenologia do Terror

A proposta é estruturar investigações nas micro e macro políticas de terror e revelar suas implicações etnológicas do ponto de vista cênico. A sugestão de Bião ao usar 'noções moles' em vez de 'conceitos duros' pode ajudar. Os rituais quimbandistas de sacrifício animal e a caracterização 'trevosa' de Exus seriam objetos adjetivos. É necessário estabelecer uma presença sinistra e terrível e para tanto, ocorre um tratamento estético nas cores, figurinos, trilha sonora e arranjos dos corpos e outros materiais. A composição dessa figura depende disso e deve obedecer um limite para que suas narrativas não saiam de seus domínios, sob pena, por exemplo, de ter seu efeito medonho diminuído em função de 'um pé em preto velho', figura bem mais pacífica e iluminada. Mais fina ainda é a diferenciação entre as dezenas de exús diferente. Cada um com um grau e qualidade diferente de terror em sua composição.

No comportamento cotidiano, temos objetos adverbiais quando um fazendeiro prefere criar uma instalação cênica ao posicionar um bezerro morto para marcar uma fronteira em vez de ameaçar os vizinhos com armas, cercas e cães. Durante a “Guerra das Correntes”⁵, Thomas Edison aterrorizou a população com espetaculares execuções públicas de animais usando a alternativa proposta por seu rival, culminando na megaprodução na qual eletrocutou a elefanta Topsy. Diante de um grande público, seu interesse era mostrar que a opção técnica de seu rival Nicolau Tesla seria mais perigosa. Para além do fato de tratar-se de um palco diante de plateia, o cuidado no posicionamento do animal, a escolha do horário, do lugar, da ordem de acontecimentos podem ser entendido como a escritura de uma narrativa de terror. De fato, um enredo, uma cerimônia e uma cena foram criados para aterrorizar. Leonardo Boff também aposta no contexto espetacular do terrorismo:

'Formalizemos: terrorismo é toda violência espetacular, praticada com o propósito de ocupar as mentes com medo e pavor. O importante não é a violência em si, mas seu caráter espetacular, capaz de dominar as mentes de todos'⁶

⁵ Disputava-se a dominância técnica entre corrente alternada e corrente contínua.

⁶ 'Em 'O que é isso, o terrorismo?', Leonardo Boff descreve 7 estratégias, sendo que as 3 primeiras tem implicações teatrais '(1)os atos têm de ser espetaculares, caso contrário, não causam comoção generalizada; (2)os atos, apesar de odiados, devem provocar admiração pela sagacidade empregada; (3)os

Terror para além do clichê

O terrorismo precisa ser entendido para além dos atentados promovidos contra a cultura ocidental nos últimos 50 anos. Gengis Khan (1162?–1227) mandou acender cinco fogueiras para cada soldado em vez de uma para cinco, o que fez seu exército parecer bem maior. Pode ser mais fácil ver a teatralidade quando ele performava uma cavalgada (provavelmente com um tempo-ritmo escolhido) em volta de algumas cidades, o que bastava para que abrissem os portões e se entregassem. O líder carregava consigo não apenas seu exército, mas também outro tipo de presença: o terror.

Testamos os limites da etnocenologia ao descrever por meio dela as execuções públicas, o circo romano e a crucificação, cuja longa duração da cena de dor e horror é resultado de pesquisa. Ao destacar suas implicações narrativas e mostrando como essa composição acontece por meio de tratamento de enredo, corporeidade cênica, tempo-ritmo e outros princípios teatrais, estaremos fazendo etnocenologia? Ou, pelo menos, estaremos caminhando para uma etnologia? Tentar ler as próximas imagens com um óculos cenológico ajudaria a entender esses comportamentos ao discutir sua teatralidade? Em que medida o arranjo dramático destas instalações pode ser caracterizado como cênico? Deixa de sê-lo porque os corpos estão mortos?



atos devem sugerir que

<http://leonardoboff.com/s>

nível em 02/11/2014 em:

Cabeças dos cangaceiros de um subgrupo de lampião: o de mariano, morto na fazenda Cangalexo, município de Porto da Folha, Sergipe em 25 de outubro de 1936, juntamente com Pai Véio e Zepelim, morto pelo sargento bahiano José Rufino' ⁷



Arranjo feito com as cabeças do bando de Lampião⁸

O tratamento estético potencializa o impacto, compondo a ameaça e marcando território. Para além da exaltação do feito, como faz ainda hoje a polícia elaborando esteticamente o material de suas apreensões, as execuções públicas, como a crucificação e o enforcamento na praça, tem objetivo e efeito de aterrorização. Sua performance é determinado pelo arranjo cênico do material. No caso, se essa fisicalidade for corporal, com a presença de uma pessoa viva ou morta, temos uma escalada para uma atitude terrorista. Nesse sentido, uma etnocenologia do terror vai atentar especialmente para os arranjos estéticos que envolvem CORPOS humanos em cena.

⁷http://portaldocangaco.blogspot.com.br/2010/10/altar-funebre-quadro-cabeças-cortadas_3192.html

⁸http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Degola_de_Lampi%C3%A3o_MB.jpg



“Apreensão e Arte” - <http://apreensaoearte.tumblr.com/>

Se na música a materialidade principal a ser considerada é sonora, no teatro, a fisicalidade específica é corporal. Assim também é no terror, esteja o corpo vivo ou morto. A localização e os ritmos empregados na ação da guilhotina no auge do “Terror” na

ARTE DA CENA:
A PESQUISA EM
DIÁLOGO COM
O M U N D O

VII Reunião Científica
da ABRACE

27 a 29.outubro.2013
UFMG - Belo Horizonte



Revolução Francesa estavam combinados com a ritualística do evento e enredados em seu discurso. A constituição desses eventos é forjada nas relações entre presença corporal e presença simbólica.

Hitler executou um ensaio fotográfico pelo qual estudou minuciosamente seus gestos e expressões durante um discurso¹. Ele realiza um trabalho de ator? Se sim, em que sentido essa teatralidade tem relação com o terror?



¹Esse ensaio fotográfico (1925) não retrata apenas um mero estudo teatral de tomada de poder (...)A criação da imagem do Führer contou com um verdadeiro time de artistas, financiadores, políticos, empresários (...) para criar um herói (ou um monstro) Ensaio revela fotos proibidas de Hitler: com quantos passos se

constrói um ditador; disponível em 02/11/2014 em: <http://literatortura.com/2013/08/ensaio-proibido-revela-fotos-de-hitler-revelam-com-quantos-passos-se-constrói-um-ditador/>

Experimentos artísticos

A visita do quadrúpede umquadrupede.blogspot.com.br é uma performance artística no qual um humano cabeludo, barbudo e seminu aparece no espaço público caminhando usando os quatro membros. Desenvolvida em treinamento, uma matriz corporal de locomoção quadrúpede foi tratada técnica e esteticamente, gerando a ação performática realizada entre 2011 e 2013 no Rio, São Luiz do Maranhão, Brasília, São João Del Rei e Araxá. Nessa última cidade, a figura gerou correria e gritos em sua visita inesperada ao Parque do Cristo. O estranhamento diante da imagem extra-cotidiana gerou medo em algumas pessoas e em quase todas as apresentações, ouviu-se : “ai, que susto”. A animalidade lembrada tem um efeito semelhante ao terrorismo, pois torna presente um fato fundamental e escamoteado: a carnalidade e a fragilidade de nosso corpo.



ARTE DA CENA:
A PESQUISA EM
DIÁLOGO COM
O MUNDO

VII Reunião Científica da ABRACE

27 a 29 outubro 2013
UFMG - Belo Horizonte



Firefox

Diário de um Quadrúpede: Visitas x Diário de um Quadrúpede: Um quadr... x Diário de um Quadrúpede: Medindo ... x

umquadrupede.blogspot.com.br/2013/05/medindo-idade-da-bipedalidade.html

Google

Mais visitados Primeiros passos Fred Ramos Oliveira Visit page 11 impressionantes tra... Resultados Google Drive: Como i... Facebook Página inicial http://www.google.co... Rascunhos (378) - umf...

100 milhões de anos: Ancestral genético comum de ratos e humanos (0,57 cm)

300 milhões de anos: 1os reptéis, logo depois (265m) surgem os Synapsidas e deles os Therapsidas, ancestral direto dos mamíferos (1,71 cm)

315 milhões de anos: 1os animais com membros e capacidade de sair da água e se locomover em terra com dificuldade (1,8 cm)

365 milhões de anos: Transição entre peixe de nadadeiras lobadas e primitivos tetrápodos (2 cm)

580 milhões de anos: 1os animais combinando nervos e músculos para locomoção (3,3 cm)

850 milhões de anos: Ancestral de todos os animais multicelulares (4,8 cm)

2500 milhões de anos: Primeiros organismos a utilizarem oxigênio. (14,28 cm)

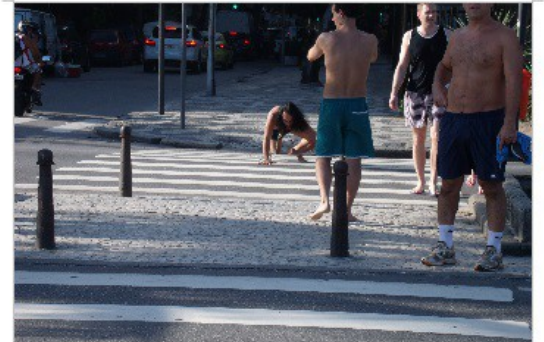
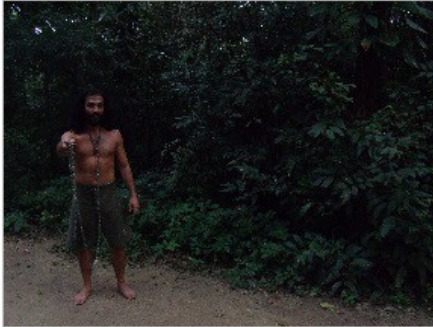
3,5 bilhões de anos surge a vida

Entre os mamíferos surgiram os primatas e entre eles gerou-se a família Hominídae, na qual em certos primatas evoluiu a bipedalidade, que é eventual, no caso de gorilas e chimpanzés.

ARTE DA CENA:
A PESQUISA EM
DIÁLOGO COM
O M U N D O

VII Reunião Científica
da ABRACE

27 a 29 outubro 2013
UFMG - Belo Horizonte



**ARTE DA CENA:
A PESQUISA EM
DIÁLOGO COM
O M U N D O**

**VII Reunião Científica
da ABRACE**

27 a 29 outubro.2013
UFMG - Belo Horizonte



ARTE DA CENA:
A PESQUISA EM
DIÁLOGO COM
O MUNDO

VII Reunião Científica
da ABRACE

27 a 29 outubro 2013
UFMG - Belo Horizonte



Num próximo passo, com estreia em dezembro de 2013, a pesquisa desenvolve-se no evento cênico A Coisa www.acoisa.art.br com história de assassinato, investigação, julgamento e execução do grupo Corda Esticada e dramaturgia e direção de Frederico Primata, autor, sujeito e objeto da pesquisa.



ARTE DA CENA:
A PESQUISA EM
DIÁLOGO COM
O M U N D O

VII Reunião Científica
da ABRACE

27 a 29.outubro.2013
UFMG - Belo Horizonte



BIÃO, Armindo. Estética performática e cotidiano. In: Performáticos, performance e sociedade. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

GIROUX, Henry A. ; Beyond the Spectacle of Terrorism: Global Uncertainty And the Challenge of the New Media, Front Cover, Paradigm Pub, 2006

SCHITTINO, Renata. Terrorismo: política e espetáculo. Revista Eletrônica Boletim do TEMPO, Ano 5, Nº28, Rio, 2010

WAAL, Frans de. Eu, primata. Por que somos, como somos. Editora Companhia das Letras, 2007.